



GT 44. Etnografias da música: dilemas e soluções empíricas e metodológicas

Coordenador(es):

Carla Delgado de Souza (UEL)

Marina Bay Frydberg (UFF - Universidade Federal Fluminense)

Para a antropologia da música, o trabalho de campo e, conseqüentemente, a escrita etnográfica não devem se ater a uma noção simplista da música como sendo exclusivamente som. Desde os anos 1980, crescem as etnografias que utilizam uma concepção ampliada de música, o que faz com que a ênfase dos estudos recaia sobre os fazeres musicais. Com isso, ganham sentido as etnografias que relacionam música com aspectos rituais, étnicos e culturais de grupos sociais distintos. Na busca por uma semântica musical que leve em conta os aspectos poéticos e sociais da música, também tem sido cada vez mais frequente a realização de etnografias da que revelem como os fazeres musicais são perpassados por marcadores sociais como os de raça, gênero e classe social. Entendendo que a antropologia da música está afinada com as proposições e discussões mais amplas presentes nas teorias antropológicas contemporâneas, pretendemos discutir, nesse GT, os dilemas enfrentados pelos antropólogos durante a realização de seus trabalhos de campo, que muitas vezes inspiram a experimentação de novas técnicas de pesquisa para a construção dos dados etnográficos, bem como para a posterior análise destes. O processo de escrita etnográfica tampouco é imune aos dilemas vivenciados pelo pesquisador. Nesse sentido, reflexões sobre as potências e os limites da escrita etnográfica sobre os fazeres musicais são bem vindas.

O músico e o etnógrafo: o campo e o "campo"

Autoria: Humberto Junqueira (UFMG - Universidade Federal de Minas Gerais)

Método, teoria e técnica são palavras amplamente difundidas e enunciadas no âmbito científico, assim como no contexto musical (escolástico ou não). No entanto, na maioria das vezes, os mesmos termos expressam significados completamente diferentes conforme a variação do contexto, como, aliás, não poderia deixar de ser. Nesse work buscarei propor alguns critérios para a diferenciação desses conceitos, especialmente em relação ao entendimento do que seja o método e a etnografia no âmbito de um estudo que tem a música como foco da análise. ?É uma questão interessante saber quando é que uma determinada investigação tem realmente início? (BECKER, 2008, p. 10). Esse é um trecho retirado do livro *Mundos da Arte* de Howard Becker. Nessa passagem o autor explica como e quando iniciou seu percurso, suas reflexões, observações, aquilo que resultaria justamente na pesquisa que deu origem ao livro. Dentro dessa perspectiva, não seria exagero dizer que minha investigação no campo da música se iniciou lá pelos meus 13, 14 anos, quando comecei a tocar guitarra elétrica, arrastado pela moda grunge trazida pelas bandas de Seattle (como Nirvana, Alice in Chains e Pearl Jam) ao Brasil no início dos anos 1990. Tive diversas bandas de garagem, migrei para outros estilos musicais, aprendi a tocar outros instrumentos, realizei apresentações e gravações que me deram grande satisfação. Mas isso que chamei de ?campo da música? pode ser entendido como um campo etnografável? De volta à ideia trazida por Becker, é possível se instituir o momento preciso para o início de uma etnografia? O work que aqui se apresenta constitui uma reflexão a respeito dos aspectos metodológicos de minha pesquisa de doutorado que aborda o contexto do choro em Belo Horizonte a partir das práticas do músico Mozart Secundino de Oliveira.

[Trabalho completo](#)



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameaçam a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: